Ainda sobre a *finitude humana*: breve estudo filosófico-teológico sobre a existência *post mortem*. A importância da *fé* como portal da *espiritualidade*

Adolfo Borges Filho*

Sumário

1. Introdução: refletindo sobre a *dúvida* que estremece a mente humana quando tenta, racionalmente, buscar uma resposta para a vida após a morte. 2. O Budismo e o famoso *O livro tibetano dos mortos* ou *Experiências Pós-morte no Plano do Bardo, segundo a versão do Lama Kazi Dawa-Samdup*. 3. O Judaísmo e a Cabala. *O Zohar – o Livro do Esplendor.* 4. O Cristianismo. A majestosa figura de Jesus Cristo. 5. Conclusão: reiterando a inafastável relevância da *fé* como *portal da espiritualidade.* Referências bibliográficas.

Resumo

O propósito principal deste artigo é mostrar que a *fé* pode ser o caminho para desconstruir o temor da *finitude humana*, conduzindo o ser humano à dimensão da espiritualidade.

Abstract

The main purpose of this article is to show that faith can be the way to deconstruct the fear of human finitude, leading the human being to a spiritual dimension.

Palavras-chave: Fé. Dimensão espiritual. Vida após a morte. Budismo. *Bardo Thodol*. Judaísmo. Cabala. *Zohar*. Cristianismo. Espiritismo.

Keywords: *Faith. Spiritual dimension. Life after death. Buddhism. Bardo Thodol. Judaism. Kabbalah. Zohar. Christianism. Spiritualism.*

* Pós-graduado em Filosofia pela UCB. Procurador de Justiça inativo do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro e Vice-Diretor da Revista de Direito do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Professor emérito da FEMPERJ. Foi *Visiting Scholar* na Harvard Law School (EUA) no ano acadêmico 1980-81.

1. Introdução: refletindo sobre a *dúvida* que estremece a mente humana quando tenta, racionalmente, buscar uma resposta para a vida após a morte

Publicamos, no número anterior de nossa Revista, o artigo intitulado *Breve estudo filosófico sobre a finitude humana*. Com base em reflexões que me foram transmitidas por leitores, percebemos que a questão da *fé* merecia um aprofundamento maior no afã de se lançar uma luz mais abrangente e otimista sobre um tema aparentemente lúgubre, embora mandatório para toda a humanidade: a morte.

O ponto culminante dessas reflexões é um enigma, que até os dias de hoje, a ciência não desvendou: existe vida após a morte? Penso que, no momento, até mesmo a resposta da IA ficaria no campo da dúvida, levando-se em consideração todos os dados disponíveis, nas áreas da Teologia e da Ciência, em sentido lato. Ainda é cedo para imaginarmos um robô dotado de inteligência superior à humana aparecendo em cena para demonstrar que existe, sim, vida após a morte, com argumentos sólidos e irrefutáveis.

O que se pode constatar de pronto é que o "grande mistério" da existência de vida após a morte se fortalece nas consciências cultivadoras da *fé*, que desprezam a *razão* e, como consequência lógica, qualquer argumentação por ela produzida tendente a justificar o negacionismo dessa crença.

O cabalista Dr. Michael Laitman assevera que:

> *No processo da ascensão espiritual, adquirimos uma fé superior constantemente, e ela aumenta a cada nível alcançado.* Como resultado, devemos aumentar constantemente o poder de nossa fé, de modo que este seja sempre maior que o poder do intelecto, do contrário, poderemos, uma vez mais, submergir na influência do egoísmo. (*Laitman*, 2006: 101, grifo no original)

E essa *fé superior* só pode ser alcançada quando não aceitamos os preconceitos absurdos e mentirosos emanados, *v.g.*, de entidades tecnológicas repressoras, cuja finalidade precípua é aquela de nos desviar da espiritualidade. Como bem ponderado pelo Dr. Viktor E. Frankl:

> Quando a fé atrofia, parece que ela se distorce, *desfigura*. Com efeito, não constatamos também no âmbito cultural, isto é, não somente numa escala individual, mas também social, que a fé reprimida degenera em superstição? E isso parece acontecer onde quer que o sentimento religioso se torne vítima de uma repressão por parte da razão despótica, de uma inteligência técnica. (*Frankl*, 2022: 66)

Realmente, se nos ativermos aos argumentos produzidos pela *razão,* deixando de lado a *fé*, o nosso questionamento acerca da existência de vida após a morte se desdobra, naturalmente, para um negativismo materialista que desafia qualquer tipo de argumentação contrária. Sem a consulta dos livros sagrados, como a Bíblia, a Ciência assume o lugar de Deus e toda a energia circulante no universo passa a ter explicações baseadas em leis da Física tradicional, hoje mitigada pela denominada Física Quântica, que é bastante utilizada como fundamento científico de fenômenos aparentemente espirituais.

Com os dados *racionais* que a consciência armazena, inclinamo-nos a induzir que somos "matéria energizada" inexistindo, assim, aquele *plus* que constituiria nosso "similar etéreo", capaz de permanecer eternamente vivo e de incorporar a nossa subjetividade, transitando numa dimensão oculta e paralela, mesmo após o óbito. Observe-se que inexiste *dúvida científica* quanto à presença de elementos energéticos mensuráveis que impulsionam o nosso corpo físico; o que não se comprovou, até os dias de hoje, é que exista uma energia personalíssima e eterna definindo aquilo a que chamamos *espírito* ou *alma*.

E a razão nos leva a pensamentos mais desconcertantes como, por exemplo, a assertiva óbvia de que desde que o ser humano surgiu na face do planeta, a espécie não parou de evoluir e de crescer implicando, assim, um aumento exagerado de *espíritos* que vão sendo esquecidos à medida que o fenômeno tempo vai "produzindo" os séculos em escala gigantesca, transformando os achados materiais como, por exemplo, múmias, esqueletos e artesanatos, em objetos de estudo arqueológico e, posteriormente, em peças de museus. A pergunta que se faz é a seguinte: após essa quantidade incontável de mortes, se existe, de fato, o *espírito* independente da matéria, para onde foram encaminhados todos esses seres humanos desmaterializados que desapareceram do planeta Terra? Onde permanecerão no decorrer da eternidade? De outra feita, se a reencarnação existe, quais os critérios estabelecidos por um ser superior para a transmigração das almas?

Cremos que, somente a *fé*, totalmente despida de uma estrutura racional, pode oferecer aos seres humanos uma variedade de caminhos iluminados que tenham o poder de esclarecer e, mesmo, de dar *sentido* a uma realidade *post mortem*.

Nos itens que seguem, abordaremos, de forma resumida, a filosofia adotada por algumas religiões no tocante à *vida após a morte*. Selecionamos o Judaísmo, o Cristianismo, o Budismo e o Espiritismo. Com relação a essa última corrente religiosa, trataremos, em rápidas pinceladas, do tema polêmico da *prova obtida do sobrenatural*, que encontrou guarida em área específica de nosso Direito Processual Penal.

2. O Budismo e o famoso *O livro tibetano dos mortos* ou *Experiências Pós-morte no Plano do Bardo, segundo a versão do Lama Kazi Dawa-Samdup*

Trata-se de obra fundamental da cultura oriental, na qual o autor descreve um intenso e longo ritual de 49 dias que o espírito do morto deve obrigatoriamente

se submeter para que, ao final, se depare com o renascimento que seria, portanto, a reencarnação. Para não fugirmos à pretensão deste artigo, que é a de ilustrar algumas correntes religiosas que tratam de assunto tão delicado e misterioso, transcrevemos, abaixo, excerto do "Comentário Psicológico" elaborado pelo conceituado mestre Dr. C. G. Jung, e que faz parte dos "Estudos Introdutórios" da obra de W. Y. Evans-Wentz. Assim, o leitor terá uma ideia resumida do conteúdo desse famoso livro da Filosofia Oriental. Eis as palavras de Jung:

> *O Livro Tibetano dos Mortos*, ou *Bardo Thodol,* é um livro de instruções para os mortos e os moribundos. Como o *Livro Egípcio dos Mortos*, o *Bardo Thodol* pretende ser um guia para os mortos durante o período da sua existência no Bardo, simbolicamente descrita como um estado intermediário, de 49 dias de duração, entre a morte e o renascimento. O texto está dividido em três partes. A primeira, chamada *Chikhai Bardo*, descreve acontecimentos psíquicos no momento da morte. A segunda parte, ou *Chonyd Bardo*, trata dos estados de sonho que começam imediatamente após a morte, assim como daquilo a que chamamos de "ilusões kármicas". A terceira parte, ou *Sidpa Bardo*, diz respeito ao surgimento do impulso de nascimento e aos acontecimentos pré-natais. Nessa parte, é característico que a suprema compreensão e a iluminação – e, portanto, a maior possibilidade de alcançar a libertação – sejam conhecidas durante o verdadeiro processo de morte. Logo após começam as "ilusões" que conduzem finalmente à reencarnação; as luzes iluminadoras vão ficando cada vez mais opacas e variadas, e as visões mais e mais aterradoras. Essa descida traduz o afastamento da consciência da verdade libertadora, à medida que ela se aproxima do renascimento físico. O propósito da instrução é fixar a atenção do homem morto, a cada etapa sucessiva de engano e de confusão, na sempre presente possibilidade de libertação, assim como explicar a ele a natureza das suas visões. O texto do Bardo Thodol é recitado pelo lama na presença do cadáver. (*Evans-Wentz*,2024: 65/66)

Questão relevantíssima levantada por Jung é a da *consciência individual* que cada ser humano possui de forma plena, distinguindo-o dos demais seres vivos. Observe-se que o *Bardo Thodol* põe ênfase nessa realidade oculta, mas existente em cada um de nós, identificando-nos e unificando-nos nesse imenso *Vazio*. Para Jung:

> A Vacuidade ou Vazio é o estado transcendente que suplanta toda asserção e toda predicação. A plenitude de suas manifestações discriminativas ainda permanece latente na alma.

O texto continua:

> Tua própria consciência, brilhante, vazia e inseparável do Grande Corpo de Resplendor, não tem nascimento nem morte; é a Luz Imutável – o Buda Amitãbha.

A alma (ou como aqui foi apresentado, a própria consciência de cada um) certamente não é pequena, pois é o próprio Deus. O Ocidente considera essa afirmação muito perigosa, quando não francamente blasfema, ou mesmo aceita-a impensadamente e, assim, cai no mal da retórica teosófica vazia" (*ibidem*: 69).

3. O Judaísmo e a Cabala. *O Zohar – o Livro do Esplendor*

Na introdução do Zohar, de onde o Rabino Ariel Bension selecionou passagens bastante esclarecedoras, Rosie Mehoudar atesta que o livro sagrado foi "concebido como um comentário esotérico da Torá, em especial do Gênesis, incorporando citações e ideias da mística judaica posterior. A tradução de Bension confere um tom coloquial, não afetado e amoroso à relação entre o professor, protagonizado por rabi Shimon Ben Yochai – um homem santo do século II –, e seus discípulos, que lhe fazem perguntas e ouvem suas exposições, sentados em campos da Galiléia. Eles se debruçam sobre realidades que vão do Intelecto Divino e humano, em consonância com uma cosmogonia, descritos com sobriedade, até imagens ricas e barrocas (como os Sete Palácios Celestes, pelos quais a alma pode ascender no outro mundo), repentinamente transformadas em puro pensamento. O Zohar nos eleva a outros mundos, ao mesmo tempo os mais próximos de nós" (*Bension*, 2008:17/18).

Encontramos no capítulo 23 do Zohar, *revelações sobre a imortalidade da alma*, consoante se pode ler de uma das lições do Rabino Shimon ben Yochai:

> Sabei que vossas almas são imortais! A alma parte somente quando o Anjo da Morte tomou posse do corpo. E uma vez mais a alma toma a forma que vestia antes de vir ao mundo. Tampouco pode a alma experimentar uma real alegria até que se sinta vestindo de novo sua própria forma celeste. Pois somente então pode continuar aprendendo o significado dos mistérios profundos. E a alma que não encontra de pronto seu envoltório celeste sabe que não entrará de pronto no Céu, mas apenas após ter sido castigada. Tão logo tenha havido um desejo de arrependimento, mesmo quando não tenha sido levado a cabo, dá-se à alma outra oportunidade e lhe é permitido, depois de algum tempo, regressar a seu Paraíso. (*ibidem*: 211/212)

Importante observar que o Judaísmo já menciona a ideia de pecado e punição, bem como a existência de uma realidade superior onde a alma, depois de purificada pelo castigo, irá usufruir das benesses divinas. Veja-se que a palavra Céu já é citada no texto acima.

Relevante notar, também, que essa *dimensão imaginária* do pós-morte soa, a princípio, inatingível em termos palpáveis para os que ainda estão no gozo de suas existências terrenas. E no Antigo Testamento já nos é indicado o remédio para essa descrença: a *fé*.

Como bem assinalado pelo professor R.H. Charles, na sua obra "Vida após a morte no Judaísmo e no Cristianismo":

> A fé, de fato, para ter certeza de sua própria realidade, reivindica a sua realidade por meio dos julgamentos exteriores de Deus; todavia, apesar da ausência desses testemunhos, Jó decide se manter no caminho da justiça, independentemente de Deus e do homem (Jó 17.7-9). O mundo como ele conhece é fora do comum. Por isso, Jó apela para o Deus da providência, para o Deus das circunstâncias, para o Deus da fé. (*Charles*, 2020: 59)

4. O Cristianismo. A majestosa figura de Jesus Cristo

No Cristianismo, nas suas diversas igrejas, Jesus Cristo se apresenta como figura exponencial e central dessa corrente religiosa, sendo que, no que concerne aos ensinamentos espirituais, o Novo Testamento, mais especificamente os seus quatro Evangelhos sinóticos, narram a existência humana impecável do ser que já veio ao mundo repleto de divindade. Os livros sagrados, apesar de escritos (ou canalizados) em épocas diferentes por quatro Evangelistas, conseguem passar para o escrito a tradição oral deixada por Jesus, destacando-se, por exemplo, o famoso "Sermão da Montanha". A vida pública de Jesus, que durou três anos, começa com a anunciação angelical de sua vinda até a morte cruel na Cruz, que se tornou o símbolo do Cristianismo como a Estrela de David o é do Judaísmo. E os Evangelhos enfatizam a caminhada de Cristo e de seus doze apóstolos, pondo destaque nos milagres e nas parábolas que marcaram a presença do Mestre neste planeta. No dogma cristão, Jesus é o Messias anunciado pelo Velho Testamento.

Pela leitura de passagens bíblicas, constata-se que o Cristianismo pregou a ressurreição das almas e a existência de dimensões extraterrenas como Céu, Inferno e Purgatório. Trazemos à colação passagem do Novo Testamento que ratifica a existência extracorpórea e a vida após a morte, vocalizadas pelo próprio Cristo. No Evangelho de Lucas, no capítulo 23, versículos 39-43, está escrito:

> **39** E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dele, dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo, e a nós.
>
> **40** Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação?
>
> **41** Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam, mas este nenhum mal fez.
>
> **42** E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino.
>
> **43** E disse-lhe Jesus: *Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso*. (grifo no original)

O Cristianismo teve o condão de fomentar o surgimento de outras crenças religiosas que dão base ao denominado "sincretismo religioso". O Espiritismo, por exemplo, ocupa espaço importante na cultura brasileira, que acabou incorporando, também, e apesar da diversidade de rituais, a Umbanda e o Candomblé. O Espiritismo possui, como autoridade filosófica e doutrinária máxima, o autor e tradutor francês Allan Kardec, que dentre os seus livros mais famosos se destaca "O Evangelho segundo o Espiritismo". A Umbanda e o Candomblé têm origem africana e foram introduzidos no Brasil pelos escravos. Importante destacar que nessas religiões os cultos são focados na presença de *espíritos* ou, como se costuma dizer, de seres humanos desencarnados. E um dos fenômenos relevantes de um ritual espírita, principalmente no Kardecismo, é a psicografia que traduz a comunicação direta de um médium com um espírito de uma pessoa já falecida. A projeção das denominadas cartas psicografadas tem dado margem, até os dias de hoje, a discussões acerca de sua admissibilidade como prova, em processos judiciais, mormente na área do júri popular.

Ao tempo em que exercia a promotoria de justiça de vara criminal, aqui no Rio de Janeiro, mais precisamente no início da década de oitenta, o magistrado confidenciou-me que psicografava cartas de um espírito que o visitava, com uma certa frequência, dele recebendo *orientações* relacionadas a processos nos quais deveria sentenciar. Não fazia essas revelações de forma acintosa ou impositiva; elas eram transmitidas, em conversas sigilosas, com um pedido de reflexão, quando da elaboração das alegações finais do *Parquet*. Em alguns casos, a "psicografia" funcionou porque a minha manifestação processual derradeira coincidia com o que fora "ditado" pelo espírito que visitava o magistrado. Houve, porém, casos (a maioria deles), em que sustentei a condenação do réu e a absolvição foi decretada por insuficiência probatória... Interpus o recurso cabível e o Tribunal reformou as sentenças.

Vê-se, portanto, que a prova psicografada pode ficar, sim, "invisível" no sentido de não ser produzida abertamente pelas partes litigantes, mas pelo próprio julgador da causa, seguindo suas convicções religiosas. O mesmo pode acontecer com o membro do Ministério Público, no exercício de seu múnus.

Se a Igreja Católica Romana, no âmbito de sua estrutura dogmática, prevê o exorcismo como "sacramental" (vide Código Canônico) é porque acredita na existência do demônio como entidade bíblica autônoma, capaz de "possuir espíritos de pessoas vivas". Numa visão paralela, o Espiritismo fala em espíritos obsessores, vulgarmente conhecidos como "encostos" e que demandam, para sua expulsão de determinado corpo, rituais especiais praticados por médiuns.

5. Conclusão: reiterando a inafastável relevância da fé como *portal da espiritualidade*

Conforme vimos acima, são vários os caminhos que se abrem para nossas reflexões acerca do mundo da espiritualidade. Mas não basta uma escolha intelectualizada sobre o que nos parece mais adequado em termos de crença. Existe um *plus* que a razão pura não consegue atingir; e esse *plus* etéreo desenrola-se numa área da consciência impulsionado pela *fé* que se qualifica como *portal da espiritualidade*.

"A fé, ou consciência do Criador, deve ser tal que nos permita sentir que estamos diante da presença do Rei do Universo. Então, sem dúvida, ficaremos saciados com os sentimentos necessários de amor e medo.

Até atingirmos esse grau de fé, devemos constantemente lutar por isso. Somente a fé nos permitirá gozar de uma vida espiritual e evitar que mergulhemos nas profundidades do egoísmo, tornando-nos uma vez mais buscadores de prazer" (*Laitman*, 2006: 26/27).

E ainda, como bem asseverado pelo cabalista Dr. Michael Laitman:

> [t]emos que descartar por completo os argumentos da razão e renunciar ao uso de nosso intelecto para determinar nossas ações. E, como se estivéssemos suspensos no ar, devemos tentar nos aferrar ao Criador com ambas as mãos, permitindo-Lhe, e somente a Ele, determinar nossas ações. Em sentido figurado, devemos substituir nossa própria mente pela do Criador, e agir de maneira contrária a nossa própria razão. Devemos colocar a Vontade Dele acima da nossa. Quando formos capazes disso, nosso comportamento representará a *fé acima da razão. (Laitman,* 2006: 24*)*

A nosso juízo, a crença na existência de vida após a morte, que desconstrói a tese da *finitude humana*, tem o seu espaço de discussão aprofundado no âmbito da *Filosofia da Fé*, cujo ponto inicial de investigação reside na presença de uma potente *força energética criadora* de toda essa misteriosa realidade que nos cerca, a começar pelo próprio universo e pelos mistérios que envolvem a sua origem e as suas dimensões.

O grande escritor Machado de Assis inicia o conto *A Cartomante* com a seguinte frase: "*Hamlet observa a Horácio que há muito mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia*". E o filósofo francês André Comte-Sponville, por seu turno, remata:

> "Resta a terceira questão de Kant: *'Que posso esperar?'* É nela que se joga, para o nosso tema, o essencial. Perder a fé não muda em nada o conhecimento, e muda em pouca coisa a moral. Mas muda consideravelmente a dimensão da esperança – ou do desespero – de uma existência humana" (*Comte-Sponville*, 2007: 54).

Referências bibliográficas

BENSION, Ariel. *O Zohar – O Livro do Esplendor.* Tradução de Rosie Mehoudar e Rita Galvão. São Paulo: Polar, 2008.

CHARLES, R.H. *Vida após a morte no Judaísmo e no Cristianismo*. Tradução de Brian Kiburka, 18ª edição. São Paulo: Editora Ebenízer, 2020.

COMTE-SPONVILLE, André. *O Espírito do Ateísmo. Introdução a uma espiritualidade sem Deus.* Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EVANS-WENTZ, W. Y. *O Livro Tibetano dos Mortos*. Tradução de Jesualdo Correia Gomes de Oliveira. 3ª edição. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2024.

FRANKL, Viktor E. *A Presença Ignorada de Deus*. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 24ª edição. Petrópolis: Vozes, 2022.

LAITMAN, Michael. *Cabala – Alcançando Mundos Superiores*. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Planeta do Brasil Ltda., 2006.